

Única derrota direta foi para Meneghetti em 50

Apuração lenta e dramática mudava a cada meia hora

José Mitchell

PORTO ALEGRE — Envolvido na empolgante disputa com Luís Inácio Lula da Silva pelo segundo lugar na eleição presidencial nos últimos quatro dias, Leonel Brizola deve ter-se lembrado, por alguns instantes, no seu apartamento da Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, da sua também dramática disputa pela Prefeitura de Porto Alegre em 1950, com o candidato do PSD, Ildo Meneghetti. O placar mudava a cada meia hora, dando vantagem de 50 a 200 votos para um, logo depois revertida para o outro.

A então lentíssima apuração dos 180 mil votos na pacata e bucólica capital gaúcha de 400 mil habitantes durou 10 dias, eletrizando partidários e simpatizantes. Ao final, os votos deram vitória a Meneghetti por apenas 1.200 votos, na única derrota direta de Brizola na sua carreira política. Na época, virou convicção dos correligionários e passou para a história política riograndense — onde sobrevive até hoje — que a derrota se deveu a um erro político de Brizola e dos petebistas.

Eles trouxeram a cantora Ângela Maria, a famosa "Sapotí" da ouvidíssima Rádio Nacional do Rio, para cantar no palanque do comício de encerramento da campanha eleitoral no bairro Navegantes, típica zona de operários. Os trabalhistas, até hoje, acreditam que trazer uma mulata para cantar e rebolar perante a sisuda pla-

teia gaúcha scandalizou e furtou de Brizola os votos decisivos.

A alternância — A derrota de 1951 foi um dos raros episódios eleitorais em que Brizola, natural da localidade de Cruzinha, no município gaúcho de Carazinho, enfrentou um revés diretamente. Foi deputado estadual constituinte de 1947 pelo PTB, com a 11ª colocação, pelo apoio de Getúlio Vargas, de quem era admirador e de quem se aproximou através de um amigo, João Goulart, o Jango.

Na Constituinte, logo se destacou pelo vigor dos pronunciamentos — o segundo discurso, por exemplo, foi contra a obrigatoriedade do serviço militar. Após a formatura como engenheiro e o casamento com Neuza Goulart (irmã de Jango), reelegeu-se deputado estadual com uma vantagem espetacular, na época, de 16.681 votos, sendo o parlamentar mais votado e assumindo a liderança da bancada.

A derrota para Meneghetti levou Brizola a passar algum tempo em Montevidéu. Ao voltar, foi convidado pelo governador Ernesto Dorneles, assumindo a Secretaria de Obras e exercendo o cargo de 1952 a 1954. A mais importante — e polêmica na época — obra de sua gestão foi a ponte do Guaíba (construção de uma série de pontes sobre o Rio Guaíba, ligando a capital ao interior do estado).

Ascensão — No auge da fama e consolidando progressivamente sua imagem, elegeu-se deputado federal (103 mil votos, três vezes mais que o segundo colocado e 1/3 da votação do PTB). No mesmo ano, ganhou, finalmente, a eleição para a prefeitura da capital, derrotando o pessedista Euclides Triches (depois governador no-

meado na Revolução de 64). Sua caminhada vitoriosa prosseguiu em 1958, elegendose governador dos gaúchos com 670 mil votos, 170 mil a mais que seu concorrente, coronel PM Walter Perachi Barcelos (igualmente depois governador nomeado no período revolucionário).

Depois de uma brilhante administração, elogiada hoje até por ferrenhos adversários, Brizola liderou a campanha da Legalidade em 1961, pela posse de seu cunhado e vice-presidente da República João Goulart, após a renúncia do presidente Jânio Quadros. Tornou-se figura de projeção nacional. Em 62, elegeu-se deputado federal pelo Rio de Janeiro com 269 mil votos, a maior votação proporcional já obtida por um político no Brasil, até então. Já era candidato à Presidência da República, com o slogan cantado pelos brizolistas ("cunhado não é parente, Brizola pra presidente"), mas o golpe militar de 64 o levou ao exílio por 15 anos.

De lá dirigia a política gaúcha e foi a campanha pelo voto em branco, que comandou de Montevidéu, que derrotou o candidato ao senado do MDB, Paulo Brossard, em 1970. Mas, da mesma forma, foi seu decisivo apoio que permitiu a Brossard massacrar nas urnas, em 1974, o candidato da Arena, Nestor Jost. Nesses 15 anos cresceu a liderança, no Rio Grande do Sul, do presidente do MDB, Pedro Simon, eleito senador em 1978 com seu apoio. O conflito futuro era inevitável.

Divergências — A disputa do mesmo espaço oposicionista entre Simon e Brizola é a origem das divergências e do rompimento posterior de ambos, no retorno do exílio, em 1979. Foi quando

Simon se recusou a entrar para o PTB e preferiu unir-se às lideranças oposicionistas do MDB no novo PMDB que tinham ficado no Brasil. Mas a força de Brizola tornou-se novamente presente em 1982, quando lançou o deputado Alceu Collares, pelo PDT, ajudando a formar o partido e a derrotar Simon pela divisão de votos oposicionistas na eleição para o governo do estado. O vitorioso foi Jair Soares, do PDS, por magra vantagem de 20 mil votos, suficientes porém para mostrar a Simon que era Brizola quem ainda mandava politicamente no estado.

O mesmo Alceu Collares, com seu prestígio pessoal e a força de Brizola, ganhou a eleição para a prefeitura da capital, derrotando o candidato de Simon, o deputado Carrion Jr. Mas Brizola levou o troco de Simon com a arrasadora vitória do pemedebista para o governo do estado em 1986, devido ao erro do líder pedetista de fazer uma aliança com o PDS (Aldo Pinto, do PDT, para governador, e Silvério Kist, PDS, para vice).

Brizola e Simon perderam em 1988 para o fenômeno PT e seu líder bancário Olívio Dutra, na Prefeitura de Porto Alegre. O PDT tinha como candidato o deputado Carlos Araújo, que, pelo predomínio na convenção, forçou Brizola a aceitá-lo, embora seu candidato preferido fosse o deputado Carrion Jr. Mas quando entrou o próprio Brizola, numa eleição para presidente, como agora, a capital gaúcha empolgou-se e rendeu-se mais uma vez a seu ex-prefeito, ex-deputado federal e estadual, ex-governador e deu-lhe a maior vitória já ocorrida na cidade, com mais de 68% dos 800 mil votos.